

O SUBÚRBIO CARIOCA E A
PERSONAGEM EM CLARA DOS ANJOS
DE LIMA BARRETO

5

THE CARIOCA SUBURB AND THE
CHARACTER IN CLARA DOS ANJOS OF
LIMA BARRETO

SANTOS, Márcio Antônio da Costa

Doutorando em Estudos da Linguagem pela UFGCatalão.

E-mail: macsprofessor@gmail.com

BORGES FILHO, Oziris

Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho.

Pós-doutor pela UNB.

Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG – Câmpus de Catalão.

E-mail: oziris@oziris.pro.br

“O subúrbio é o refúgio dos infelizes”

Lima Barreto

RESUMO:

O presente trabalho analisa como é apresentado e construído o espaço do subúrbio carioca do século XIX e XX a partir da teoria de Osman Lins (1976) sobre o espaço; dos trabalhos de Borges Filho (2007 e 2008) sobre o mesmo assunto e os estudos de Silva (2012) sobre a construção da identidade, presentes no romance **Clara dos Anjos** de Lima Barreto. Analisa-se como esse espaço interfere na construção e caracterização das personagens da obra. Observa a importância do subúrbio, sua forma de apresentação pelo narrador, observando-se como isso também interfere na composição e desenvolvimento do enredo. A obra utilizada é praticamente desenvolvida nos subúrbios e apresenta personagens característicos desse ambiente. O narrador utiliza-se deste cenário para, além de apresentar as contradições presentes na narrativa - tanto no plano espacial e da estória - para desenvolver o enredo, criticar e posicionar-se. Através do seu olhar, descortina-se o panorama social, as transformações e as mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, ocasionando a migração da população pobre e sua exclusão espaço-social.

Palavras-chave: Literatura; espaço literário; Lima Barreto.

ABSTRACT:

The present work analyzes how the space of the Rio suburb of the nineteenth and twentieth centuries is presented and constructed from Osman Lins (1976) theory of space; of the works of Borges Filho (2007 and 2008) on the same subject and the studies of Silva (2012) on the construction of the identity, present in the novel **Clara dos Anjos** de Lima Barreto. It is analyzed how this space interferes in the construction and characterization of the characters of the work. He observes the importance of the suburb, its form of presentation by the narrator, observing how this also interferes in the composition and development of the plot. The work is practically developed in the suburbs and presents characters characteristic of this environment. The narrator uses this scenario to, besides presenting the contradictions present in the narrative - both in the space plane and the story - to develop the plot, criticize and position itself. Through his eyes, the social panorama, the transformations and the changes that occurred in the city of Rio de Janeiro, reveals the migration of the poor population and its social-space exclusion.

Keywords: Literature; literary space; Lima Barreto..

O leitor de Lima Barreto já deve estar acostumado com a presença dos Subúrbios em suas obras. Ele está presente em quase todos seus contos, como **Miss Edith e seu tio, Um e outro** entre muitos. Não só esse ambiente como também a pessoa simples, os homens pobres e negros estão presentes em suas obras, vivenciando seus dilemas e problemas da vida. Em **Clara dos Anjos**, essa preocupação com o subúrbio adquire um contorno mais relevante ao ponto de o autor destinar um capítulo inteiro para retratar o subúrbio carioca, seu nascimento e crescimento. O Subúrbio passa de palco de narrativas para personagem de sua própria narrativa. Nele as personagens centrais vivem suas histórias e recebem a influência do espaço. Lima Barreto dedica um capítulo inteiro para a apresentação desse espaço especial e aproveita para tecer suas críticas sociais além de descrever seu nascimento, seu crescimento, sua população, sua arquitetura do presente e de um passado de requinte.

Antes de qualquer coisa, é importante mencionar que os subúrbios cariocas já existiam, contudo não apresentavam a mesma conotação encontrada em **Clara dos Anjos** ou a mesma feição obtida após a reforma urbanística de Pereira Passos¹. Tem-se a sua citação em outras obras anteriores à de Lima Barreto, como em **Lucíola** de José de Alencar e em **Dom Casmurro** de Machado de Assis, associando tal elemento a ambientes rurais, cheios de requinte e que serviam de refúgio para famílias abastadas, de certa forma é o exemplo da casa de Bentinho no Engenho Novo na obra **Dom Casmurro**, de Machado de Assis de 1889 e de Sá em **Lucíola**.

Com o passar do tempo, esse espaço transmuta-se de refúgio de famílias abastadas para local de exclusão de pessoas pobres, expulsas das zonas rural, propriamente dita, e central urbana da cidade, saíram dos cortiços, dos casebres e das pensões destruídos no centro da cidade; de pessoas que não tinham condições financeiras para conseguir morar em outros locais de maior prestígio social: “Gozando do conforto e mesmo da elegância que lhe permitia uma folgada abastança” (ALENCAR, 1988, p. 21). Para Sá, personagem abastado em **Lucíola**, questões financeiras não eram problemas para ele que encontrava naquele lugar espaço para dar vazão a sua “imaginação ardente”.

O subúrbio carioca do início do século XX, mesmo desprovido de prestígio social, sem seus antigos moradores, apresentava novas formas de relação de poder. Poder que poderia ser representado primeiramente pela posição geográfica da moradia em pontos mais próximos do centro – caso em que se enquadraria Cassi Jones, um dos personagens central; pela cor da pele (caso da outra personagem central Clara que apesar do nome era mestiça, mulata)² ou mesmo pela rua ou pela casa. Nesse romance, o narrador mostra que o poder está relacionado a uma questão espacial, à ocupação de determinada posição físico-espacial e também a questões étnico-raciais.

Assim, mesmo que todos morem e convivam no mesmo lugar, haverá uma forma de segregação entre eles. Alguns moradores encontrarão formas de representação de supremacia social em

1 Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi engenheiro e político brasileiro, prefeito da cidade do Rio de Janeiro de 1902 a 1906, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves, integrou a comissão que iria apresentar o plano geral de reformulação urbana da capital, incluindo o alargamento de ruas, construção de grandes avenidas, canalizações de rios entre outras medidas urbanas e sanitárias. O levantamento realizado de 1875 a 1876 foi a base do futuro plano diretor da cidade, posto em prática na sua administração como prefeito (ATLAS, 2016).

2 Na estória, Clara, menina ingênua e sonhadora é seduzida por um rapaz branco, Cassi, cantor de trovas e modinhas e depois é abandonada grávida.

relação aos outros. Uns se considerarão superiores devido à suposta descendência nobre, a posição ou servindo apenas como justificativa para o sentimento de superioridade em relação às outras pessoas, como será o caso da mãe de Cassi. Ela se diz descendente de uma nobreza inglesa e, por isso, estaria acima dos demais. Essa busca por um passado de prestígio é um dos mecanismos de construção de uma identidade superior e, segundo Silva (2012), é uma forma de construção da identidade. Desta forma, entre os moradores haverá formas de marcação da diferença mesmo havendo vários elementos de igualdade

Entre vários elementos responsáveis pelo crescimento do subúrbio além do processo de industrialização e de imigração ao Estado do Rio de Janeiro, cuja cidade exercia o centro do poder político brasileiro, podem-se destacar três fatos importantes, que são importantes também para o desenvolvimento da narrativa de Lima Barreto e devem ser levantados acerca do crescimento da população nos subúrbios e o seu desenvolvimento. Tais fatores foram o fim da escravidão negra no Brasil, ocorrida em 1888, a emigração para clareamento da pele da população e pela destruição dos cortiços³ no centro da capital, o que ocasionou o deslocamento da população pobre para os morros e os subúrbios distantes.

A justificativa para expulsão da população pobre do centro da cidade, moradores dos casebres, pensões e cortiços em pouco tempo; é que eles criavam um problema estético para a cidade que ansiava em se tornar uma grande e bonita capital da república aos moldes de Paris e de outras cidades europeias. Outro problema era de ordem sanitária porque as moradias não tinham esgotos nem água tratada. Logo houve uma proliferação de doenças provocadas por animais e insetos. Por um lado a reforma urbanística de Passos solucionaria a questão estética do Rio de Janeiro, destruiria os cortiços e casarões velhos no centro da cidade, provocaria uma limpeza sanitária, combatendo focos de doenças e, por outro lado, expulsaria a população pobre que ali estava para regiões mais afastadas, tornando o Rio uma cidade limpa, bela e com grandes avenidas⁴

3 Não se pode esquecer que os cortiços como forma de aglomeração humano, como forma de habitação continuou existindo no subúrbio. Houve a destruição da edificação no centro para a implantação de um novo modelo paisagístico, mas essa forma de habitação acompanhou seus moradores por onde eles foram, no caso para o subúrbio, houve apenas um deslocamento espacial.

4 Rodrigues Alves dizia que o programa de governo dele seria simples, limitaria a duas coisas: saneamento e melhoramento do porto do Rio de Janeiro. Nos primeiros nove meses da gestão dele na presidência e de Passos na prefeitura, foram demolidos nada menos que 614 prédios, removidos todos os quiosques localizados no centro da cidade. Verdadeiro

Nesse processo de realocação espacial, os negros libertos, os homens brancos livres, ou seja, essa população pobre tinha a opção de subir os morros, criando as primeiras favelas cariocas, ou seguir a linha do trem e encontrar moradia em regiões mais distantes do centro denominadas como subúrbio ou até mesmo noutras cidades, sem perder, contudo, o vínculo com a cidade do Rio.

Aluísio Azevedo descreve bem o nascimento e desenvolvimento de um desses cortiços. Na obra **O Cortiço**, de 1890, é narrada a história de João Romão que, auxiliado por Bertoleza – negra “alforriada” –, constrói um desses cortiços e luta por seu sucesso pessoal a qualquer custo.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo (...); o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam (...) Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas... O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só fruído compacto que enchia todo o cortiço (AZEVEDO, 2000, p. 24.).

No texto acima, o cortiço desperta para mais um dia. Ele não é apenas mais um cenário na história. Ele é a personagem central (o narrador personifica o cortiço, dizendo que ele acorda, abrindo seus olhos que seriam suas inúmeras janelas). Sem adentrar muito à narrativa de Azevedo, sem analisar as histórias de negros e brancos que habitam o cortiço, sem se deter nas narrativas internas da obra, percebe-se apenas que o cortiço pertence à região central do Rio de Janeiro. Há também uma mistura de sentidos, o som das falas das pessoas, o odor dos cafés, dos suores e outros cheiros; além da visão do cortiço acordando que servem para caracterizar não só o espaço mas também as personagens que ali estão inseridas.

Observa-se que os moradores desses cortiços criavam animais característicos da vida no campo, como marrecos e galinhas. Faziam suas necessidades em latrinas compartilhadas por todos enquanto

bota abaixo (NOSSO SÉCULO, 1980, p. 34).

as crianças “despachavam-se” atrás dos capinzais nos fundos da estalagem. As mulheres lavavam as roupas no centro do cortiço, a água utilizada para a higiene pessoal inundava o chão. Tudo isso mostrava a situação em que essa população vivia e uma implicação sanitária: havia a possibilidade de contraírem doenças, como varíola, febre amarela e peste bubônica. O centro da cidade por tudo era considerado malcheiroso e sujo.

O encontro de focos de doenças bastaria para destruir as casas suspeitas sem, contudo, oferecer uma alternativa de moradia para as famílias residentes, que perderiam sua habitação. Tal fato desencadeou o processo histórico chamada “Revolta da Vacina”⁵. Essa medida de saúde pública, aliada ao investimento em saneamento básico, como água e esgoto, era suficiente para destruir as edificações antigas do centro da cidade. Essas ações escondiam pensamentos de exclusão da pobreza e especulação imobiliária: se não poderiam acabar com a pobreza, poderiam expulsá-la para longe do centro.

O crescimento do subúrbio foi facilitado pela estrada de ferro, auxiliando na ocupação das áreas mais distantes que margeavam a linha férrea, permitindo que a população pudesse chegar ao trabalho principalmente no centro da cidade além de favorecer à especulação imobiliária, valorizando os terrenos distantes do centro, anteriormente zona rural da cidade. Segundo Esteves (2012) a reforma visava atender duas necessidades básicas, uma de mobilidade e transporte de mercadoria e pessoas; outra urbanística com padronização de edificações e saneamento.

Segundo os dados apresentados por Lima Barreto, o subúrbio era habitado em regra por pessoas pobres, sejam elas brancas, ou negras, ou estrangeiras.

Os fregueses continuavam a chegar; em geral, eram crianças e mulheres. As suas compras eram pobres: dois tostões disso, quatrocentos réis daquilo - compras de gente pobre, em que raramente se via nelas incluído meio quilo de carne-seca ou um de feijão (BARRETO, 2012, p. 106).

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por

5 A chamada “Revolta da Vacina” foi uma insurreição popular ocorrida no Rio de Janeiro no início do século XX. A revolta ocorreu como uma reação popular à campanha da vacinação obrigatória, posta em prática pelo sanitarista Oswaldo Cruz. A causa principal da Revolta da Vacina foi, sobretudo, o modo como foi implantada a campanha da vacinação obrigatória. Isto foi feito a mando do Presidente Rodrigues Alves, como parte de uma série de reformas e projetos de urbanização idealizados pela presidência, entre elas a demolição de cortiços e favelas e de boa parte das construções antigas do centro do Rio, e a criação das brigadas de mata-mosquitos, destinadas a combater as principais doenças epidêmicas transmitidas pelo inseto, como a malária e a febre amarela. A revolta era principalmente pela destruição das moradias sem que houvessem a realocação da população desabrigada (NOSSO SÉCULO, 1980, p. 39).

qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres (BARRETO, 2012. p. 185).

Algumas pessoas são negras outras brancas, mas todas são pobres. Os elementos comuns dessa população são a pobreza, a união nos momentos de tristeza e a possibilidade de pugilismo ao menor desentendimento. Ao mesmo tempo encontram-se também na região estrangeiros principalmente portugueses que geralmente ocupam posição econômica melhor que a dos outros moradores nativos, a exemplo de seu Nascimento que é o proprietário da venda situada na Rua de Joaquim dos Anjos e Meneses que é dentista, ambos portugueses. Outro fator é o fato de, via de regra, a grande maioria ser constituída de servidores públicos, a exemplo de Joaquim e Marramaque.

Na medida em que se distanciava da região central havia uma mudança nas edificações, nas ruas e nos moradores dos subúrbios. Essa mudança física também demonstrava o poder econômico dos moradores. Da mesma forma ocorria em sentido contrário quanto mais se distanciava do centro.

Poder-se-ia dizer que os moradores dessa região seriam negros expulsos das fazendas e do centro da cidade, mas seria mais justo dizer que essa população era formada de pessoas pobres e de pequenos comerciantes, servidores públicos e de aposentados. O narrador apresenta o subúrbio assim

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e morrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma grotta, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco, que, para ser alcançado, se torna preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso (BARRETO, 2012. p. 183).

Logo de início na descrição do narrador acerca do subúrbio, mostra uma limitação ou uma especificação do que seria essa região

naquela época, final do Séc XIX e início do XX. Principalmente que ela se estendia ao longo da linha férrea, mostrando como esse eixo teria sido importante para a ocupação da região. Se anteriormente ela era morada de pessoas abastadas, posteriormente, seus moradores necessitavam transitar para o centro da cidade. Para isso, a estrada de ferro era fundamental para o desenvolvimento e a fixação dos moradores nesse espaço. Houve essa preocupação na construção da linha férrea e, ao mesmo tempo em que a pobreza era segregada para longe da cidade, essa população era ainda a força de trabalho para o comércio e a indústria cariocas.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e unilas por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes (BARRETO, 2012. p. 183).

Nesse ponto, percebe-se que a região apresenta suas diferenças de moradores. Suas diferenças sociais, apesar de integrarem o mesmo ambiente, são apresentadas pelas edificações, mostrando que a casa⁶, as residências são importantes para a caracterização da personagem, tanto para a caracterização social quanto para aspectos psicológicos. Aqui haverá casas edificadas aos moldes tradicionais até barracos improvisados feitos de latas. Tudo isso reforçando a caracterização de seus habitantes e da região.

Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, “correres” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida” (BARRETO, 2012. p. 183).

6

A casa apresenta-se como caracterização externa e interna, servindo também para caracterização da personagem

Lima Barreto, nesta obra, apresenta um narrador onisciente intruso⁷, que sempre intervém na narrativa com um posicionamento político, moral etc., mostrando o olhar do jornalista que percorre a região dos subúrbios atento às mazelas sociais e mostrando o comportamento de uma parcela da população esquecida pelos governantes. Neste momento ele não apenas mostra as condições de vida dos moradores da região, mas também evidencia a situação de abandono em outras questões, como sanitárias. Há uma denúncia de que as reformas urbanísticas apresentadas e implantadas por Pereira Passos não atenderia a toda a população, pois as reformas eram feitas na região central, deixando a periferia no abandono.

As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam.

Quando chega à tardinha, de cada portão se ouve o “toque de reunir”: “Mimoso”! É um bode que a dona chama. “Sereia”! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante. Carneiros, cabritos, marrecos, galinhas, perus - tudo entra pela porta principal, atravessa a casa toda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos. Se acontece faltar um dos seus “bichos”, a dona da casa faz um barulho de todos os diabos, descompõe os filhos e filhas, atribui o furto à vizinha tal. Esta vem a saber, e eis um bate-boca formado, que às vezes desanda em pugilato entre os maridos (BARRETO, 2012. p. 183).

Outro fator importante é que o subúrbio é um misto entre o urbano e o rural. Assim, o narrador apresenta a transformação que ocorre a partir do momento em que se distancia do centro da cidade. Esse misto justifica a presença de animais como vacas, galinhas etc., mostrando que os moradores tentam conciliar a vida da cidade com sua herança de campo. A mesma presença de animais pode ser encontrada em **O Cortiço** de Azevedo, porém lá servia como forma de recriar no ambiente o urbano o espaço rural enquanto que em Clara

⁷ O narrador onisciente intruso posiciona-se onde desejar ao longo da trama. Ele é livre para contar o que se passa da maneira que quiser e com prazer. Para tal ele age, de vez em quando, como se fosse Deus, modificando e assumindo várias vias de transmissão de dados e impondo suas concepções e visões. O termo ‘intruso’ encaixa-se perfeitamente na forma como este narrador insere observações sobre a existência, os hábitos, o caráter, enfim, acerca de tudo que tem a possibilidade de estar vinculado à narrativa (Disponível em: <<<https://universitariaemcena.wordpress.com/2012/07/25/o-que-da-vida-a-radionovela-narrador-parte-2/>>> acessado em 10 de julho de 2018 .

há uma mistura de ambientes justificando a presença dos animais. Essa mistura também é apresentada pelo narrador no momento em que descreve as habitações sem padrão certo e determinado. Servindo de contraste com as intenções de Passos, pois a partir da reforma, o centro da cidade teve de obedecer a padrões estéticos e, enquanto isso, no abandono da administração, as casas do subúrbio seguiam os gostos de seus moradores e suas posses.

Algumas casas como a chácara dos “bíblias” eram remanescentes dos tempos áureos da aristocracia enquanto outras habitações na mesma rua apresentavam traços de construção improvisada e pobre. Razão essa de ele dizer que havia “casas, casinhas, casebres, barracões, choças”, mostrando que da mesma forma que há uma gradação espacial na edificação, há também uma gradação social de seus moradores. Essa gradação também se dá na apresentação das palavras “casas... choças”, partindo de uma construção padrão para outra rudimentar, do mais bem-acabado para o rústico e rudimentar. Assim, a escolha das palavras serve para representar a escala social de seus moradores.

Outra característica da população do subúrbio é a facilidade com que as relações entre eles desandam para o confronto, porém, em outras situações, pode haver a reconciliação e ajuda mútua.

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres.

O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam a incapacidade de encontrar fora do seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. (...) Uma diferença acidental de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro.

Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia (BARRETO, 2012, p. 183-185).

Por fim aqui se percebe um elemento conciliador do espaço e de seus habitantes. O narrador diz que “gente pobre é difícil de se suportar” (BARRETO, 2012, p. 183). No mesmo momento em que tudo desanda para o “pugilato”, há ajuda, há solidariedade entre eles. Na doença e no infortúnio unem-se e ajudam-se. Na narrativa, percebe-se

que eles, suburbanos, possuem elementos identitários, sentem que são diferentes, mas, ao perceber que algo ou alguém pode prejudicar um de seus vizinhos ou amigos, saem em sua defesa. Tal postura poderá ser vista em *Marramaque* em relação à afilhada Clara dos Anjos e em *D. Margarida*, também em relação à Clara ante o assédio de Cassi.

A antiga população do subúrbio deixara seus traços nas edificações. O narrador, ao apresentá-las, diz que “Há casas [...] choças, por toda a parte onde se possam fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas”, esses são exemplos das moradas dos novos moradores, mas havia também edificações representativas de moradores do passado, como “Além dos clássicos chalets suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas [...] digna[s] de ser vista[s] [...] das casas das velhas chácaras dos outros tempos” (BARRETO, 2012, p. 42). Novamente se destaca que não há um traço único de identificação dos moradores desses bairros a partir de suas casas, são iguais e diferentes em quase tudo. Assim, da mesma forma que nas edificações há pessoas que se assemelham e se diferem - pessoas representantes de outros tempos e de outras classes – que, ao mesmo tempo em que se amam, odeiam-se, confrontam-se por pequenas coisas, contudo, na dor unem-se. Porém, havendo encerrado os motivos que poderiam uni-los em torno de um mesmo objetivo, suas diferenças vêm à tona.

Ao distanciar-se do eixo principal, perceber-se-á que as edificações irão subir os morrotes e colinas. O narrador deixa claro que para se perceber essas diferenças das edificações e do próprio subúrbio seria preciso se aproximar, coisas que os transeuntes comuns ou visitantes talvez não percebessem “Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes” (BARRETO, 2012, p. 126). Tem-se aqui a ideia do andarilho, da pessoa que trilha os caminhos e aos poucos vai repassando sua visão ao leitor. A apreensão é compartilhada pelo narrador com os leitores.

Percebe-se que os espaços podem ser vistos de maneiras diferentes por pessoas diferentes. No caso do cortiço de João Romão o espaço observado por Romão não seria o mesmo visto pelos olhos de Machona ou de Rita Baiana. Para um, Romão, português detentor do poder econômico e proprietário de tudo aquilo, o cortiço é uma forma de ganhar dinheiro; doutro lado, para outras personagens representaria a única forma de sobrevivência e habitação. No mesmo

plano de Romão, o cortiço possui outra carga de significados para Bertoleza que se poderia dizer coproprietária de tudo. O que importa para Aluísio Azevedo em **O Cortiço** é o espaço sem qualquer aspecto de criticidade. Percebe-se uma profusão de “objetos” sociais que dão vida ao ambiente como as pessoas que ali se movimentam e vivem, como se elas fizessem ele se mover, ter vida; mas isso não aparece como sendo um problema, como contradição.

Da mesma forma, o subúrbio visto pelo viajante do trem não possui o mesmo significado nem mesmo a mesma carga de significação que tem para o morador do local. Essa é a grande diferença da narrativa construída por Azevedo em relação à narrativa de Lima Barreto. O segundo desloca a visão e o pensamento da pessoa simples para o primeiro plano da narrativa, colocando essas personagens, até certo ponto secundárias para a posição de protagonistas. Ele posiciona seu narrador como sendo uma pessoa que está inserida naquele espaço e que o analisa e o critica

Embora os moradores do cortiço e do subúrbio sejam os mesmos, percebe-se que eles procuram recriar no espaço em que vivem elementos de identificação e de caracterização como a criação de animais como galinhas, marrecos e cães. Outro elemento bem diferente nas duas narrativas é que os narradores, mesmo sendo oniscientes, são muito diferentes na forma de narrar; em Lima Barreto, por exemplo, a intromissão do narrador coloca-o na cena apresentada.

Ao contrário de Azevedo, ele não se limita a contar o que se passa, opina, comenta e participa. As personagens centrais de Lima Barreto, como negros e pobres, geralmente não ocuparam essa posição em outros momentos da literatura. Esse fato pode ser um dos motivos de ele ter sido tão criticado no seu tempo. Essa postura consistia em uma subversão dos padrões literários seguidos por seus contemporâneos e antecessores; outra questão seria a linguagem mais próxima da coloquialidade. Todos esses fatores ocasionaram um reconhecimento tardio.

Esse tipo de narração, de posicionamento do narrador proporciona uma feição singular na narrativa. Uma característica do narrador onisciente é revelar todo o emaranhado de detalhes escondidos no espaço e na mente da personagem, mas, nessa obra em particular percebe-se que ele apresenta o ambiente e apresenta suas impressões pessoais, participa da narrativa, seria uma interferência da autoria na narrativa? Considerando que Lima Barreto era considerado um

grande observador desse espaço, conhecedor de suas gentes e de seus percursos e morador do subúrbio, mas isso são apenas características de um narrador intruso, como já apresentado.

Uma questão interessante que aparece no trecho em que o narrador afirma que “gente pobre é difícil de se suportar mutuamente” (BARRETO, 2012, p. 183) é o fato de, logo no início da narrativa, ser apresentada uma oposição entre personagens. Essa oposição é desenvolvida em toda a narrativa em análise. Há sempre um conflito apresentado, podendo ser percebida entre Cassi e Marramaque; entre Timbó e Margarida; entre Cassi e seu pai; entre Clara e seus pais e muitos outros. Talvez isso tenha sido influenciado pelo meio, embora o narrador demonstre que Joaquim, pai de Clara, não sofre influência do meio em que está inserido quando fala sobre a religiosidade da região de onde veio (Minas) e da influência dos “bíblias” que estão na mesma rua de sua casa. Essas oposições são mostradas através da caracterização da personagem e estão intimamente atreladas a seus comportamentos.

O contraste também vai aparecer na constituição do cenário em que casas, casebres e “chalets” estão edificadas. Onde pessoas financeiramente remediadas ocupam o mesmo espaço que pessoas totalmente desprovidas. Osman Lins afirma que o espaço pode funcionar como elemento caracterizador e propulsor da ação das personagens. Dessa forma, sendo o espaço ambiente naturalmente contrastante algo comum ocasionado por ele seria a oposição entre as pessoas. Sobre a questão da personagem e do espaço Osman Lins afirma que

A projeção da personagem sobre o ambiente nem sempre se manifesta concretamente (dispondo-o de certa maneira); pode também configurar-se de modo subjetivo, mediante um processo de amortecimento ou de exaltação dos sentidos. O espaço, nessas circunstâncias, reflete menos uma personalidade que um estado de espírito mais ou menos passageiro (1976, p. 98-99).

Assim, se o ambiente em que está inserida a personagem é um espaço de contraste e confronto, essa característica pode contaminar a personagem e proporcionar uma ação na narrativa “a personagem transforma em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaço”. (LINS, 1976, p. 100).

Outro detalhe do narrador acerca do espaço percorrido é que

ele demonstra conhecer esse trajeto ou esses trajetos pelas ruas dos subúrbios.

A leitura de cidade efetuada por Michel de Certeau entende que o habitante se relaciona com a ordem construída e planejada e elabora um sentido a partir de suas práticas. Neste sentido, intenção foi identificar a forma como a ausência, a presença ou a deficiência destes serviços influenciaram o morador do subúrbio em sua apreensão da cidade e das transformações em curso. O habitante relaciona-se com a ordem construída e planejada e elabora um sentido a partir de suas práticas, da forma como processa o sistema de símbolos da comunicação urbana (MOREIRA, 2013, p. 02).

Enquanto para a prefeitura do Rio as reformas urbanísticas funcionariam como uma forma de embelezamento, de saneamento e de saúde pública, para os que viviam a cidade, a visão era diferente, como o fragmento do romance mostra. “Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozos impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro (BARRETO, 2012, p. 185)”.

Essa é a crítica do narrador ao governo em relação à população pobre que vive no abandono. Essa é também uma característica na obra, a fusão da linguagem jornalística com o texto literário, fato que demonstra a intromissão do narrador no texto. Outra questão, o fato de a linguagem aparecer com traços jornalísticos, faz com que se torne mais fácil de interpretação pela maioria dos leitores, fugindo do rigor literário dominante à época e que era prestigiada pelos críticos literários. Lima Barreto opunha-se aos ditames da época que transforma o texto estéril de envolvimento, de construção de uma linguagem distante da prática social de seu tempo.

Acerca desse posicionamento literário, Lília Schwarcz cita crítica de Lima a Coelho Neto⁸, segundo Lima “ele só se preocupava com o estilo, vocabulário e roupas, enquanto questões políticas, morais e sociais passavam ao largo” (2017, p. 373), por outro lado esse posicionamento de Coelho Neto iria ao encontro da crítica literária

8 Coelho Neto - Henrique Maximiano Coelho Netto (Caxias, 21 de fevereiro de 1864 — Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1934) foi um escritor (cronista, folclorista, romancista, crítico e teatrólogo), político e professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras onde foi o fundador da Cadeira número 2. Lima Barreto elegia-o como seu oposto embora o próprio Lima ambicionasse uma cadeira na ABL (Disponível em: <<<http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia>>> acessado em 20 de julho de 2018).

da época.

Quanto ao espaço é de lembrar que há um porquê na forma de apresentação do subúrbio. “Se há o espaço que nos fala sobre a personagem, há também o que lhe fala, o que a influencia” (LINS, 1976, p. 99). Assim sendo, o Subúrbio carioca na obra em questão, justifica, explica e impulsiona o comportamento das pessoas que ali estão inseridas.

No fragmento da obra de Lima, “A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres” (BARRETO, 2012, p. 183). O narrador situa que aquele ambiente já não mostra os traços sociais de outrora. Essa construção serve para situar quem são as personagens e a qual espaço elas pertencem. Acerca do espaço social, Santos, afirma “Normalmente, por espaço social entende-se a observação, descrição e análise de ambientes que ilustram, quase sempre com intenção crítica, aquilo que, utilizando-se um vocabulário naturalista, pode-se chamar de ‘os vícios e as deformações da sociedade (2001, p. 79-80)”.

Os moradores do Subúrbio em **Clara dos Anjos** são diferentes, são “possuidores” de origens históricas, espaciais e sociais diferentes e fazem questão de marcar essas diferenças para que esse fato deixe claro o posicionamento de cada um, todavia, como o narrador mostra no texto, todos são pobres e vivem sob a ameaça das doenças causadas pela falta de saneamento. “A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (SILVA, 2012, p. 11). O espaço suburbano serve para caracterizar e situar essas pessoas e, desta forma, demonstrar sua influência em seu comportamento e ação

Isso deixa mais claro ainda que a identidade é marcada pela oposição. O grupo terá suas características identificadoras perante outros grupos, mas entre eles haverá vários sinais distintivos de suas diferenças. Os elementos externos como a moradia, as condições de vida servem como elemento caracterizador do espaço social em que elas estão inseridas. Novamente a ideia de oposição é posta não só como forma de construção de identidade, mas como expressão do ambiente e expressão de algumas personagens na narrativa.

Com base nessas diferenças nesse exato momento histórico, pequenas nuances de cor, de variação na tonalidade da pele seriam

fundamentais para identificar a pessoa como tendo ou não poder social, ou mesmo para mostrar sua posição na sociedade. O narrador acentua que qualquer “diferença acidental de cor é causa para que se possa julgar superior à vizinha”. (Lima Barreto faz questão que seu narrador, ao apresentar os diversos tipos presentes na obra, – dos quais se falará depois – diz se ele é negro, moreno ou aponta sua origem, geralmente, portuguesa). Procura criar uma ambientação, apresentar um cenário da forma a mais realista possível. Segundo Lins,

O estudo de uma determinada personagem será sempre incompleto se também não for investigada a sua caracterização. Isto é: os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido de dar existência à personagem. Pode-se dizer, a grosso modo, que a personagem existe no plano da história e a caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução. Esta a distância que subsiste entre espaço e ambientação (LINS, 1976, p. 77).

Ainda sobre a caracterização dos moradores do subúrbio e suas oposições, observa-se

Dos bondes continuava a descer gente aos magotes, que se encaminhava apressadamente para a plataforma da estrada de ferro. Alguns iam tomar um café, antes de se encaminharem, definitivamente, para os “varais” da repartição; outros iam até às casas de “bicho” e deixavam lá o jogo; mas todos iam afinal trabalhar, fazer alguma coisa para ganhar dinheiro (BARRETO, 2012, p. 192).

Nessa cena, o narrador observa e apresenta-nos os diversos tipos presentes no subúrbio. Vindos de bondes de vários pontos para a estação que é um ponto de transição entre bonde e trem, também é um ponto de transição entre tipos diferentes de suburbanos que se encontram nesses pontos de passagem. Entre áreas distantes do eixo central da via férrea, mas todos com um mesmo direcionamento, o trabalho. Aqui se percebe que apesar de haver um ponto de origem e de ações diferenciadas em cada um deles, todos tinham um objetivo. Ali se encontravam os subúrbios elegantes e os outros mais distantes e simples. Seriam espaços de uso comum em que todos se encontram. Vê-se também o perfil do morador, sendo muitos funcionários públicos.

Veja o efeito de caracterização que se pode ter a seguir, para melhor explicá-lo

Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns, morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações (BARRETO, 2012, p.187).

Nem todos são pobres, pessoas de origens diversas, alguns com mais recursos, morando mais próximos ou das estações ou do centro. “São bibocas, alforjas [...] ruas” de onde brotam como se surgidas do nada. Todas indo para um ponto de transição desses mundos para outro mundo. Nesse trecho percebe-se que o narrador apresenta sua crítica social, “no abandono em que os poderes públicos as deixam”. Algumas personagens com mais dinheiro utilizam-se dos bondes para diminuir as distâncias, mas se encontram na estação. Tem-se a caracterização social apresentada através do meio de onde saem. Tem-se também a convergência da periferia para o centro. Desta forma, a estação é o ponto de união e convergência.

Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, do dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos (BARRETO, 2012, p.187-188).

Aqui, nesse trecho, tem-se uma famosa frase de Lima Barreto, “O subúrbio é o refúgio dos infelizes” e, a partir dela, novamente uma caracterização social. Assim, o espaço caracteriza-se como sendo local de refúgio de fuga, de amparo. Isso porque, em oposição ao centro da capital federal, ele é o local de encontro de todos que perderam alguma coisa, local de procura de amigos fiéis. O narrador, como em toda obra, trabalha a oposição espacial. Esse local opõe-se ao centro

da capital, construindo-se a partir da imagem de um “aqui” positivo, acolhedor, contra um lá aniquilador, mas que ao mesmo tempo é também o desejo de outros. Clara queria conhecer o mundo, mas sua mãe e seu pai a mantinham presa em casa, tentando protegê-la, mas seria impossível “De resto, era preciso libertar-se, passear, conhecer a cidade, teatros, cinemas... Ela não conhecia nada disso”. (BARRETO, 2012, p.151).

Osman Lins afirma que, via de regra, o espaço caracterizador limita-se a lugares restritos, como um quarto ou uma casa. Isso é um fato, mas, no caso de Clara dos Anjos, o subúrbio, sua composição e localização interferem na caracterização de seus moradores, de forma positiva caracteriza algumas personagens, como Clara, Joaquim entre outros; e, de forma negativa, Cassi relacionando-o ao restante da população dos subúrbios. Ele tem suas “qualidades” realçadas no negativo.

A apresentação do espaço suburbano age de forma positiva ao caracterizar os moradores dos arrabaldes da capital como trabalhadores e serve também para fazer oposição ao comportamento de Cassi. Tem-se a oposição, mais uma vez - entre tantas outras - entre centro e subúrbio. No centro havia outras regras, outras roupas, outros itens que seriam valorados pelo grupo. Tem-se então o espaço determinando o comportamento da personagem, as roupas como elementos espaciais que incorporam e formam a personagem. Mesmo a pessoa incorporando esses elementos espaciais citadinos, percebia-se que haveria outros elementos valorados.

Assim, o narrador termina a descrição do cenário dos subúrbios cariocas. Passa pela localização, pela vegetação e pelo povo. Os indivíduos são apresentados como pessoas trabalhadoras, geralmente vindas do interior do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, da Europa, de todos os lugares. Todos por algum motivo vieram para os subúrbios e ali edificaram casas e famílias. O narrador chega a dizer que “O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá” (BARRETO, 2012, p. 88). Conceitua os moradores como infelizes, determinando, de certa forma, o desfecho da narrativa.

Percebe-se que a narrativa deteve grande tempo na descrição do espaço central – o subúrbio – e como as personagens apreendem esse

cenário e relacionam-se com ele. Há momentos em que o espaço nada quer explicar sobre a personagem que por ali passa ou exatamente o contrário.

No subúrbio Cassi é identificado, é conhecido. Na cidade (centro) ele não é ninguém.

Nesse dia, despertou cedo, banhou-se cuidadosamente, escolheu bem a roupa branca, viu bem se a meia não estava furada, escovou o terno cintado e, cuidadosamente, meteu à mão de vestir com apuro para vir a “cidade”. Raramente, vinha ao centro. Quando muito descia até o Campo de Sant’Ana e daí não passava. Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que se postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógio. É verdade, pensava consigo, que ele usava tudo aquilo, mas era com modéstia, não se exibia. Recordava que não tinha poses, mesmo que as tivesse, não se daria a tal ridículo... Essa sua filosofia sobre a elegância, de elegante suburbano, ele aplicava às moças. Quanto dengue! Para que aqueles passos estudados? Aqueles modos de dizer adeus? (BARRETO, 2012, p. 254).

Esse pensamento serve para realçar que a personagem faz parte do espaço, sua caracterização através de seus objetos pessoais faz parte do cenário no qual está inserida. Assim se a roupa está destoante do ambiente isso chamará atenção para si, como sendo elemento que destoa dos outros elementos de caracterização do cenário. Logo, ao se sentir estranho percebe-se que ele não faria parte daquele ambiente social, não pelas vestimentas, porque estava de acordo com o meio, mas pela personalidade, pela desenvoltura que o torna parte do ambiente. Sentia necessidade de ser apontado, de ser visto, de seduzir e ali, naquele lugar, desaparecia. A personagem poderia sair do subúrbio, mas não conseguiria se despir do seu espaço de origem. Ele, ela faz parte do espaço que integra. Assim, a personagem mesmo despidendo-se dos trajes de seu espaço de origem, não conseguiria se despir do comportamento que está relacionado àquele espaço físico e social.

Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu **valimento** (negrito nosso); a sua fanfarronice **evaporava-se** (negrito nosso), e representava-se a si mesmo como **esmagado** (negrito nosso) por aqueles “caras” todos, que nem olhavam. Fosse no Riachuelo, fosse na Piedade, fosse em Rio das Pedras, sempre encontrava um conhecido, pelo menos, simplesmente de vista; mas, no meio da

cidade, se topava com uma cara já vista, num grupo da rua do Ouvidor ou da avenida, era de um suburbano que não lhe merecia nenhuma importância. Como é que ali, naquelas ruas elegantes, tal tipo, tão malvestido, era festejado, enquanto ele, Cassi, passava despercebido? Atinava com a resposta, mas não queria responder a si mesmo. Mal a formulava, apressava-se em pensar noutra coisa (BARRETO, 2012. p.256, grifos nossos).

Essa ideia de pertencimento ao local mencionada anteriormente faz com que sejam percebidas pelas palavras utilizadas pelo narrador para apresentar a sensação da personagem no espaço da cidade, reforçando a ideia de contraste e antagonismo da cidade em relação ao subúrbio. As palavras “valer”, “evaporar” e “esmagar” representam o sentimento e a emoção da personagem quando está imersa na cidade, perde seu valor, evapora-se seu poder e é esmagada pelo meio. Isso serve para antecipar na narrativa, no enredo da história, o que pode acontecer com a personagem quando estiver nesse ambiente. Poderia, portanto, ser tudo isso uma prolepse, uma antecipação de um final para a personagem, essas são impressões da personagem diante do espaço e não constatações do narrador, criando uma ambientação que Lins intitularia como sendo reflexa ⁹.

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade [...] enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma (BARRETO, 2012. p. 257, grifos nossos).

Finalizando a questão, a conclusão de Cassi a respeito da cidade “Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua **inferioridade**” (BARRETO, 2012, p. 257, grifos nossos). Qual seria essa inferioridade sentida por ele na cidade? Com certeza não seria econômica, porque pertencia a uma família de posses, mesmo residindo no subúrbio. Seria uma inferioridade psicológica de alguém que não se sente pertencer ao meio. A personagem é espaço, assim ela deve estar integrada ao cenário e, dessa forma, a personagem mencionada passa a se sentir um elemento destoante do cenário. Detinha os elementos caracterizadores do espaço, mas psicologicamente não tinha a desenvoltura necessária para aquele meio social. Observe outra cena, no conto **Um especialista**,

⁹ Segundo Lins, uma ambientação reflexa é feita através de uma narrativa em terceira pessoa em o espaço é apresentado segundo a perspectiva da personagem, contudo ainda sob a narratividade do narrador, ou seja, não há a passagem da voz narrativa para a personagem.

de Lima Barreto.

Naquele instante entrava um (visitante). Via-se pelo acanhamento, que era um estranho às usanças da casa. Esmerado no vestir, no calçar, não tinha em troca o desembaraço com que se anuncia o habituê. Moço, moreno, seria elegante se não fosse a estreiteza de seus movimentos. Era um visitante ocasional, recém-chegado, talvez, do interior, que procurava ali uma curiosidade, um prazer da cidade (BARRETO, 2017, p. 4).

O narrador observa as pessoas que entram no cassino e detém-se no rapaz “moreno que seria elegante se não fosse a estreiteza dos movimentos”. As características do comportamento mais o apuro nas vestimentas denunciavam que ele não pertencia àquele lugar, que estava ali como visitante, que não detinha todos os detalhes das pessoas que usufruíam do local. Poderia ele, moço, ser uma pessoa de prestígio no lugar de onde veio, todavia naquele espaço não era “ninguém”, poderia vestir-se bem, mas trazia em si suas origens de interior. Cassi demonstrou pelo apuro na vestimenta, nos cuidados de que cada acessório estava perfeito porque estaria entrando em território específico e precisaria apresentar os elementos que o pudessem situá-lo naquele espaço sem muitos inconvenientes. Todavia, apesar do esmero na vestimenta, ainda era um suburbano.

Semelhantemente ao caso de Cassi, penetrando naquele espaço, ele não seduzia ninguém. Os elementos que o tornavam detentor de poder pessoal não tinham valor naquele ambiente. Na cidade havia sedutores, pessoas sem pudor etc. haveria, mas eles detinham os recursos do ambiente para serem famosos. A forma como o narrador apresenta isso ao leitor se dá pela falta de desenvoltura e pelo estranhamento da personagem diante daquele cenário.

Voltando-nos para os trilhos da Central, observa-se uma gradação do espaço, partindo do mais cuidado para o menos cuidado. Os moradores dos subúrbios mais próximos do centro possuíam valor social perante aqueles que moravam mais distantes. Todavia, a passagem mostra que na medida em que faziam o sentido contrário, o prestígio desaparecia ao ponto do anonimato. Tem-se o movimento do centro para a periferia e da periferia para o centro. No primeiro caso, aumenta o prestígio, no segundo, perde-se. Assim, Cassi que morava em uma área que o narrador chamava de “subúrbio elegante” tinha mais prestígio em relação ao restante da população que morava mais afastada. Os recursos

de sedução que detinha valiam para aquele ambiente. Ali, em Sant’Ana, nada significavam.

No subúrbio, ele era único; na cidade, era apenas mais um e não detinha os elementos necessários para ter poder naquele ambiente. Ele se afastava de toda forma de aquisição de conhecimento. Não tinha leitura, não tinha hábitos polidos nem urbanidade, coisas finas que tinham valor para aquele ambiente social.

Em sua caminhada pela cidade, passava por locais ricos, via lojas com anéis e braceletes, mas não sentia necessidade por eles porque não tinha para quem doá-los. Observa-se que ele começa uma caminhada passando por locais de prestígio até chegar à conclusão de que “todo aquele conjunto de coisas finas, atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma” (BARRETO, 2012, p. XX). Todavia vale ressaltar que, em relação a essa caminhada pelas ruas do centro, a visão de lugares requintados será mais bem trabalhada no próximo capítulo em que serão focadas as ruas. Apenas mostra-se aqui que essa caminhada poderia não ser da periferia para o centro, mas da superfície para o interior. Outra forma de ver e de mostrar a oposição do cenário com a personagem e como esse espaço irá contaminar as pessoas que estão lá e o estranho viajante. “Tomou a Rua do Ouvidor e foi **descendo** (BARRETO, 2012, p. 258, grifo nosso)”.

Fisionomias diferentes de trato e de cor: velhas de mantilha, moças de peito deprimido, barbudos portugueses de duros trabalhos, rostos de caixeiros, de condutores de duros, de garçons de hotel e de botequim, mãos queimadas de cozinheiras de todas as cores, dedos engelhados de humildes lavadeiras - todo um mundo de gente pobre ia ali depositar as economias que tanto lhes devia ter custado a realizar, ou retirá-las, para acorrer a qualquer drama das suas necessitadas vidas. Aborreceu-se com aquele contacto [...] (BARRETO, 2012, p. 259).

Observa-se que o narrador vai colocando sinais no texto, no verbo destacado “descer”, indica uma ação da personagem saindo de um espaço de prestígio. Empreendendo uma viagem do externo para o interno. Sai do subúrbio em direção ao centro. No caminho, ou mais precisamente, quando chega ao centro começa a perder coisas, primeiro perde o prestígio e o status depois quase perde a sanidade ou a vida. Começa a questionar quem seja. Vê pessoas menos bem vestidas do que ele, mas que recebiam mais atenção que ele. O verbo dá ideia de que ele está se aprofundando em algo. Descendo cada vez mais.

Percebe-se, como afirma Osman Lins, que o espaço vai antecipando a narrativa. Vai apresentando elementos que permitem ao leitor descobrir qual seria o final da história. A intenção de Cassi é fugir, contudo o leitor ainda nesse ponto da narrativa não sabe por que ele fugiria, quais os elementos que o impulsionariam à fuga. Contudo, no texto, a sequência de cenários vai mostrando que a personagem se direciona cada vez mais para o interior, mais para baixo até de si mesmo nessa viagem ao centro. Esse processo é antigo, mas pode ser percebido quando deixa de ocupar os espaços superiores de sua casa para ir morar no sótão.

Atravessando aqueles velhos becos imundos que se originam da Rua da Misericórdia e vão morrer na Rua Dom Manuel e Largo do Moura. Penetrou naquela vetusta parte da cidade, hoje povoada de lóbregas hospedarias, mas que já passou por sua época de relativo realce e brilho. Os botequins e tascas estavam povoados do que há de mais sórdido na nossa população. Aqueles becos escuros, guarnecidos, de um e outro lado, por altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos, pouco transitados, formavam uma estranha cidade à parte, onde se iam refugiar homens e mulheres que haviam caído na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade (BARRETO, 2012, p.261).

O narrador, a partir do momento em que chega em Sant'Ana, começa a diminuir o grau de precisão na descrição dos ambientes. No subúrbio, a casa, as ruas eram descritas com muita precisão e detalhe. No momento em que ele chega ao centro e começa sua jornada externa e interna, a descrição continua franca, mas deixa de ser precisa. Talvez para mostrar que o estado emocional da personagem vai se acabando. Em nenhum outro momento, ele reconheceria seus pontos fracos ou defeitos, mas aqui, ele apresenta e, de certa forma, lamenta. Como nos comentários ao editor, percebe-se a preocupação com a palavra. Todas as palavras utilizadas eram utilizadas no sentido de criar uma atmosfera negativa e de penumbra, conforme será observado mais minuciosamente a seguir.

Por fim o romance Clara dos Anjos, segundo o autor, seria uma história dos subúrbios, seria uma narrativa que retrataria um determinado espaço e seus moradores. Como esse espaço interfere para construção e caracterização das personagens que ali vivem e transitam por aquele espaço.

Espaço e personagem se completam como elementos de um todo complexo. O espaço compõe a personagem e a personagem integra o espaço, sendo parte dele, sendo espaço também. Nesse romance percebe-se como o subúrbio serve como elemento de composição, como elemento desencadeador das ações apresentadas no texto. Enfim Lima Barreto demonstra um exímio observador do homem pertencente àquele e espaço e traça os perfis de seus habitantes característicos, tanto no comportamento, na vestimenta e na ação. Sendo impossível compreender a narrativa separando esses seus elementos constitutivos, espaço, enredo, personagem e ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, J. **Lucíola**, São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **Senhora**, São Paulo: Ática, 2013.
- ATLAS HISTÓRICO DO BRASIL, Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: <<<https://atlas.fgv.br/verbetes/pereira-passos>>> Acessado em: 10 ago. 2018.
- AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 2000.
- BARRETO, L. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- _____. Miss Edith e seu tio. In: SCHWACS, L. M. (Org.). **Contos Completos de Lima Barreto**. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- BORGES FILHO, O. **Espaço e Literatura: introdução à topoanálise**. São Paulo: Ribeirão, 2007.
- _____. Espaço e Literatura: introdução à topoanálise. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008. São Paulo. **Anais...**São Paulo: USP, 2008. p. 1-7.
- DA SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ESTEVES, R. Transporte e comunicação: espacialidade urbana, paisagem e sociabilidade. In: MAIA, J.; HELAL, C. (Org.). **Comunicação, arte e cultura na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2012, p. 113-128.
- FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**, São Paulo. Ática, 1976.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Abril, 1978.
- MASSAUD, M. **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MOREIRA, L. V. S. **Cidade e Subúrbio no Rio de Janeiro do Século XX: ordenamento e progresso para o morador suburbano**. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 2013.
- NOLASCO-FREIRE, Z. **Lima Barreto: imagem e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2005.
- NOSSO SÉCULO- São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHAWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, T; HALL, S; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

UNIVERSITARIA EM CENA, UFPE<< <https://universitariaemcena.wordpress.com/2012/07/25/o-que-da-vida-a-radionovela-narrador-parte-2>>> Acessado em: 10 jul. 2018.

Recebido em: 17/05/2019

Aceite em: 15/06/2019